

HOMOAFETIVIDADE E HOMOSSEXUALIDADE EM *O ATENEU*, DE RAUL POMPÉIA

Dr. Fernando de Moraes Gebra (UFFS)
Cristiano Cavagnari (UEPG)
Angela Ferreira (UEPG)
Angela Havrechack (UEPG)
Lucilea Kalva (UEPG)
Ariane Ricexenete (UEPG)

RESUMO: No romance *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia (1863 – 1895), Sérgio, o narrador-personagem, deixa o seio familiar para prosseguir seus estudos em um dos mais respeitadas colégios internos da época. No internato, Sérgio, que está em um período de formação de sua identidade, começa a vislumbrar sensações que passam a despertar sentimentos. Esses são descritos após a sua estada naquele espaço opressor, com aspectos naturalistas com forte carga de emoções, o que permite perceber nessa obra aspectos psicológicos. Por meio de um estudo de enfoque psicanalítico e de teorias de gênero, este trabalho analisa o discurso narrativo de Sérgio, no que concerne a uma possível homoafetividade e homossexualidade. Para a abordagem dessa temática, consideram-se os pressupostos teórico-críticos de Silvano Santiago, José Carlos Barcellos e Ivone Daré Rabello. A construção identitária do narrador-personagem faz-se considerando a influência que o meio proporcionou durante a sua formação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Pompéia; Espaço; Memória; Identidade; Gênero.

RESUMEN: En la novela *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia (1863-1895), Sérgio, el narrador protagonista, deja el espacio familiar para seguir sus estudios en uno de los más respetables colegios internos de la época. Allí, Sérgio, que se encuentra en un período de formación de su identidad, empieza a vislumbrar sensaciones que se le dan por despertar sentimientos. Esos están descriptos posteriormente a su estada en aquel espacio opresor, con aspectos naturalistas con fuerte carga de emociones, lo que permite ver en esa obra aspectos psicológicos. A través de un estudio de abordaje psicoanalítico y de teorías de género, este ensayo analiza el discurso narrativo de Sergio, en lo que se refiere a una posible homoafetividad y homosexualidad. Para el abordaje de esa temática, se consideran los presupuestos teórico-críticos de Silvano Santiago, José Carlos Barcellos e Ivone Daré Rabello. La construcción identitaria del narrador-personaje se hace considerando la influencia que el espacio le proporcionó durante su formación escolar.

PALABRAS-CLAVE: Raul Pompéia; Espaço; Memória; Identidade; Gênero.

Com a influência do Realismo na literatura brasileira, os escritores passaram a dar um tratamento sério à realidade sócio-histórica contemporânea, tal como ela era apreendida pelos sentidos. A mistura de estilos (sagrado e profano, alto e baixo) propugnada pelos românticos oferece ao escritor realista a possibilidade de representar, de maneira séria, em

suas narrativas, personagens de baixa estratificação social. O escritor realista deixa de narrar o “perfeito ou o nobre”, características típicas dos heróis da primeira fase romântica, para demonstrar a realidade da sociedade da época, assim como valorizar as experiências do indivíduo em seu ambiente cotidiano. Segundo Alfredo Bosi: “O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado...” (BOSI, 1994, p. 168).

Sabemos que no realismo a descrição do meio harmoniza com as personagens e suas atitudes. Em uma análise de Honoré de Balzac, um dos criadores do realismo moderno, ao apresentar uma de suas personagens, Mme Vauquer, a dona da pensão do romance *Le Père Goriot*, Erich Auerbach explica o que é a unidade do meio:

A descrição é feita sob um motivo principal, que é repetido várias vezes: o motivo da harmonia entre a sua pessoa, por um lado, e o espaço em que se encontra a pensão que dirige, a vida que leva, pelo outro; em poucas palavras, a harmonia entre a sua pessoa e aquilo que nós (e às vezes também Balzac) chamamos de meio. (AUERBACH, 1978, p.421).

Erich Auerbach comenta, ainda, sobre a visão que Balzac tentava passar ao leitor sobre a influência do meio em seus personagens, dentro do contexto histórico e social:

Balzac sentiu os meios, por mais diferentes que fossem, como unidades orgânicas demoníacas até e tentou transmitir esta sensação ao leitor. Ele não somente localizou os seres cujo destino contava seriamente, na sua moldura histórica e social perfeitamente determinada, como o fazia Stendhal, mas também considerou esta relação necessária: todo espaço vital torna-se para ele uma atmosfera moral e física, cuja paisagem, habitação, móveis, acessórios, vestuários, corpo, caráter, trato, ideologia, atividade e destino permeiam o ser humano, ao mesmo tempo que a situação histórica geral aparece, novamente, como atmosfera que abrange todos os espaços vitais individuais. (AUERBACH, 1978, p.423).

Seguindo muitas das características realistas, Raul Pompéia (1863 – 1895), autor da obra *O Ateneu* (1888), apresenta-nos a história de Sérgio, por meio da narração da própria personagem em relatos memorialistas, Sérgio refere-se à sua vivência em um colégio interno. Quando menino, ele deixa o seio materno para estudar no imponente Ateneu, no Rio de Janeiro, o qual era considerado pelas famílias mais abastadas a garantia de um futuro ascendente dentro da sociedade burguesa da época que almejava para seus filhos a melhor formação técnica e moral possível: “[...] não havia família de dinheiro [...] que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois,

três representantes abeberar-se à fonte espiritual do *Ateneu*.” (POMPÉIA, 2008, p.16). O colégio apresentava a pedagogia que propunha a formação do caráter e da moral: “[...] não é o estudo dos rapazes a minha preocupação [...] É o caráter! Não é a preguiça o inimigo, é a imoralidade.” (POMPÉIA, 2008, p.30).

O contexto em que Sérgio vive no *Ateneu* é marcado por significativas transformações da sociedade brasileira: fim da nobreza agrária e fortalecimento da burguesia urbana e mercantil devido à falência do regime monárquico e o advento da República, representando os anseios populares. A sociedade emergente vivia um período de industrialização, necessitando de índices altos de crescimento populacional:

A sociedade brasileira do fim do século XIX era uma sociedade hierarquizada, em processo de transformação de economia agrária para concentração urbana maior, em processo incipiente de industrialização (principalmente do setor têxtil) que se incrementava com a recolocação dos capitais oriundos do negócio agrícola (basicamente o café). (FERNANDES, 2007, p.84)

Também a igreja exerce forte influência na legitimação da ideologia burguesa. Assim, é mais uma instituição reguladora de comportamentos. Sabemos que o *Ateneu* é a representação da sociedade burguesa vigente cujos interesses são manter as relações de poder baseadas no patriarcado. Um de seus preceitos consiste em afirmar o modelo tradicional de masculinidade. Sérgio Gomes da Silva (2000) descreve esse modelo como a expressão da virilidade, machismo e de orientação heterossexual. O homem do final do século XIX não pode chorar, não pode parecer fraco e emotivo.

Percebemos que, apesar de ser apenas um menino, Sérgio já tem introjetado esse conceito tradicional de masculinidade. A esse modelo, esforça-se em corresponder, com atitudes de um “homenzinho”, suportando o ato de lhe cortarem os cachinhos do cabelo como uma das regras do *Ateneu*, o que representa um rito de passagem da infância à adolescência: “_ Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos...” (POMPÉIA, 2008, p.25). E resistindo às lágrimas que conseguiu conter assim que seu pai o deixa no internato: “Quando meu pai saiu, vieram-me lágrimas, que eu tolhi a tempo de ser forte.” (POMPÉIA, 2008, p.31).

Segundo Ronaldo Costa Fernandes, deve-se levar em consideração que as narrações são relativas a um período de afirmação de identidade na transição da infância para a adolescência do personagem:

A relação entre aprendizado do personagem e mudança social em torno dele pode supor que seja levado a aprender mais rápido, a encurtar o caminho para o amadurecimento. Ao menino Sérgio, tudo lhe foi confuso e nebuloso, em ondas sucessivas, círculos concêntricos de conhecimento e dispersão [...] e Sérgio, embora criança-adolescente, expressa as inquietações das transformações que ocorrem à sua volta de forma muito idiossincrática. (FERNANDES, 2007, p.83)

Inserido no ambiente ao qual procura adaptar-se, Sérgio observa seus colegas, assim como os adultos à sua volta. Esse convívio leva-o a sentimentos, ora de identificação, ora de rejeição principalmente quanto ao diretor do Ateneu, Aristarco, representando o poder e a repressão, quanto aos seus colegas de internato, Sanches, Bento Alves e Egbert, com os quais tem uma relação mais próxima:

[...] Sérgio anula-se para dar lugar às sensibilidades alheias, às elucubrações metafóricas, aos discursos do OUTRO. Sobre o tripé da emocionalidade crítica, do pensamento sensível e do confronto entre as idéias do discurso dos outros personagens, principalmente dos adultos, constrói-se a unidade cindida da personalidade do personagem. (FERNANDES, 2007, p.82)

As observações narradas revelam um jogo de forças no qual os mais fortes dominam os mais fracos. Mas é sobretudo nas descrições que tangem alguns de seus colegas de uma forma em que se ressaltam a beleza e o caráter dos mesmos, e das situações vividas com estes, que se podem criar impressões, tanto de uma homoafetividade como de uma homossexualidade.

Essa demonstração de afeto entre homens, assim como ocorre entre pais e filhos, é a oportunidade que Sérgio encontra no ambiente em que está para preencher por meio da figura masculina de seus colegas, a ausência da figura paterna. Percebemos essa falta nas narrações da sua infância. Nessas, o narrador relata seu estudo em um colégio familiar, antes da ida para o Ateneu, no qual permanecia das nove horas da manhã às duas da tarde, e depois preenchia seu dia com brincadeiras em que usava da imaginação ou tinha como companhia os peixes do lago.

Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até as duas, [...] no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos rubros, dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina da água... (POMPÉIA, 2008, p.13-14).

O relacionamento distante entre pai e filho é nítido. Em suas memórias ficaram

marcadas as palavras do pai: “Vais encontrar o mundo [...] Coragem para a luta.” (POMPÉIA, 2008, p.13). Em um ambiente estritamente masculino, as únicas e raras presenças femininas são as da camareira Ângela, descrita bem aos moldes da corrente naturalista: “Os olhos riam, destilando uma lágrima de desejo; as narinas ofegavam [...] prometendo submissão de cadela e a doçura dos sonhos orientais [...] Não escolhia amores. Era de todos como os elementos [...]” (POMPÉIA, 2008, p.86). E da esposa de Aristarco, D Ema, que emprestou a Sérgio um carinho materno: “A senhora colhia-me o cabelo nos dedos: __ Corte e ofereça a mamãe, aconselhou com uma carícia __; é a infância que ali fica, nos cabelos louros... Depois, os filhos nada mais têm para as mães” (POMPÉIA, 2008, p.25 e 26). Trazem a tona a sua memória, os encontros e desencontros ocorridos na sua formação, a confusão de sentimentos, que segundo Ivone Daré Rabello, podem ser considerados como uma busca de respostas desse narrador adulto:

[...] o narrador quer decifrar o sentido que ou não lhe foi dado pelos próprios acontecimentos ou ele ainda não desvendou [...] Com as palavras, reará, reinterpretará e reviverá, solitariamente, seu percurso entre as coisas do mundo. Confiando no poder da palavra nascida da rememoração, o narrador dela se vale para tematizar encontros e perdas afetivos. Parece saber, desde o passado, que a vida é feita de encontros e separações. Mas deseja resistir à fragmentação de si mesmo, dividido nas instâncias do menino e do adulto, e para isso narrará fragmentos. Mesmo dirigindo a seus “ouvintes”, o relato responde a uma necessidade interna de interrogar o tempo e buscar nele respostas para as cenas que persistem na memória. (RABELLO, 1999, p. 44-45).

Embora trate do viés memorialístico de alguns dos *Contos novos* (1947), de Mário de Andrade (1893-1945), o discurso teórico-crítico de Ivone Daré Rabello poderia referir-se ao romance de Raul Pompéia. Essa inquietação por resposta demonstra um narrador Sérgio adulto, que precisa de certa forma acertar as contas com o seu passado, ou procura nessas memórias nostálgicas um sentido para a vida presente.

A preocupação de cunho pedagógico moralizador e castrador do diretor do colégio, como comentado anteriormente, era de zelar, sobretudo pela formação do caráter dos alunos. Essa pode ser percebida em uma de suas atitudes, a de ele próprio vistoriar os ambientes, muitas vezes de forma inesperada: “Aristarco fazia aparições, de súbito, a qualquer das portas, nos momentos em que menos se podia contar com ele.” (POMPÉIA, 2008, p.64).

A simbologia representada pelo uso da palavra *porta* refere-se à passagem de uma esfera para outra, do sagrado para o profano. Em *O Ateneu* confirma-se a preocupação de Aristarco com a possibilidade de os alunos cometerem um ato considerado imoral naquela

sociedade patriarcal e homofóbica, que poderia ser ocultado por essas portas fechadas. Aristarco é descrito como um Deus, mas um Deus punitivo, um Deus vigilante, impeditivo dos desejos. Aristarco parece estar em todo lugar, em toda parte, em todo momento... Mas não estava. E, mesmo sob uma atmosfera de repressão, situações de proximidade concedida ou coercitiva ocorriam:

Estimulado pelo abandono, que lhe parecia assentimento tácito, Sanches precipitou um desenlace. Por uma tarde de aguaceiro errávamos pelo saguão das bacias, escuro, úmido, recendendo das toalhas mofadas e dos ingredientes dentifrícios, solidão favorável, multiplicada pelos obstáculos à vista que ofereciam enormes pilares quadrados em ordem a sustentar o edifício, - quando, sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho. Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lenda, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo [...] Sanches passou a ser um desconhecido. (POMPÉIA, 2008, p.53).

A narração feita por Sérgio adulto sofre a influência repressora do ambiente do colégio. Sérgio narra a aproximação de Sanches, devido à solidão em que os dois se encontravam naquele momento, solidão essa tão temida por Aristarco, que está simbolicamente representado nesta descrição pelos pilares morais que sustentam o edifício. A descrição da voz de Sanches, como uma cobra rastejante, pronta para dar o bote, representa, algo que dentro dos olhos morais da sociedade, seria imundo e pecaminoso. Dentro da influência do ambiente moral em que Sérgio encontrava-se, o ato de Sanches foi suficiente para que ele o julgasse indigno de sua companhia. Ao contrário de Sanches, Bento Alves é estimado por Sérgio:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer, porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente [...] retirou-se corado como quem foge [...] No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (POMPÉIA, 2008, p.95-96).

Na relação de Bento Alves, Sérgio adulto, narra com olhares mais de cumplicidade, de um companheirismo que pode ser visto como a busca pela sua metade, ou ainda, por um modelo a ser seguido, um modelo masculino, ausente na criação de Sérgio,

como citado anteriormente. Porém, devido à má interpretação dessa relação próxima, aos olhos dos colegas, com olhares críticos e morais herdados dessa sociedade burguesa, Sérgio e Bento Alves rompem a amizade quando outro colega deles começa a fazer insinuações preconceituosas: “O Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento [...] Bento Alves, depois de assegurar que unicamente por mim havia sujeitado à humilhação que sofrera, andava propositalmente arredio.” (POMPÉIA, 2008, p.109, 116).

A amizade com Egbert é descrita como de um período de amadurecimento de Sérgio. As narrações declaram uma admiração, comparando-o a um irmão mais velho, um modelo para sua identidade:

Egbert merecia-me ternuras de irmão mais velho. Tinha o rosto irregular, parecia-me formoso. De origem inglesa tinha os cabelos entremeados de louro, uma alteração exótica na pronúncia, olhos azuis de estrias cinzentas, oblíquos, pálpebras negligentes, quase a fechar, que se rasgavam, entretanto, a momentos de conversa, em desenho gracioso e largo. Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. (POMPÉIA, 2008, p.146).

Egbert é descrito de maneira fraternal, existe uma espécie de admiração, de ternuras de irmão. Sérgio tinha-o como uma referência identitária dentro do ambiente frio do colégio. As descrições não definem nosso personagem como homossexual, mas demonstram uma adaptação sofrida devido ao meio em que se encontrava, dentro de uma narração interpretativa e madura aos olhos do personagem adulto: “Embora sua ‘verdade’ não sejam apenas os fatos vividos, mas a ‘impressão’ que neles ficou inscrita, o narrador quer rastreá-los e colocá-los sob sua organização.” (RABELLO, 1999, p.45).

No que se refere à homoafetividade, podemos citar o artigo de Carlos Amadeu Botelho Byington, intitulado “Dom Casmuro no divã:”

A sociedade reprimiu a afetividade e a ternura do homem. Manteve sua função afetiva em estágio de subdesenvolvimento, a ponto de o machismo inviabilizar o amor [...] O homem machista não sabe lidar com a mulher. E pior: nem com outros homens, já que tem sempre que competir com eles. Se, em algum momento vivenciar sensibilidade, afetividade e ternura, será tachado de homossexual, mariquinhas. E isso significará uma desgraça para ele [...] Quando Bentinho se torna amigo de Escobar, passa a vivenciar a sua homoafetividade que deveria ter se desenvolvido com seu próprio pai [...] Naquela época, um homem não podia tocar outro homem com carinho [...] E a homoafetividade é a expressão da ternura entre os homens. Até hoje é um pouco assim: a gente vê as jovens andando de braços dados, trocando

confidências e beijinhos. Com os homens, isso não acontece. (BYINGTON, 2008, p.09-10).

A busca de Sérgio por modelos masculinos, assim como a de Bentinho na obra *Dom Casmurro* (1900) de Machado de Assis (1839-1908), é clara dentro de um contexto de um pai ausente conforme as narrações citadas anteriormente, e das descrições das formas masculinas, das virilidades dos seus colegas. Sérgio busca essa identificação na construção identitária. Porém, dentro do contexto do colégio Ateneu, comparando até mesmo com os dias de hoje, existe uma repressão na esfera pública, ou seja, na sociedade, no que se refere à homossexualidade ou demonstração de homoafetividade mal interpretada. E quando falamos da sociedade extremamente machista do século XIX, essa homoafetividade seria certamente interpretada como uma relação homossexual, pois segundo Carlos Barcellos, deve-se respeitar o momento histórico em que os fatos foram narrados assim como a visão que eles têm dentro do conceito das experiências vividas por Sérgio:

[...] é preciso respeitar a especificidade dos tempos, espaço e articulações das experiências histórico-culturais do homoerotismo [...] analisar a maneira particular como aparecem em cada momento específico segundo uma lógica ciosa da heterogeneidade e multiplicidade das experiências humanas. (BARCELLOS, 2003, p.130-131).

A partir de uma visão acerca dos conceitos da homossexualidade e da homoafetividade, dentro do contexto histórico-cultural e social da época narrada, entendemos melhor a repressão imposta pelo colégio, confirmando-a quando é posta em público a carta que narra um relacionamento de afeição entre dois alunos, a qual é duramente julgada por Aristarco como sinônimo de imoralidade:

‘Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...’ [...] Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no *Ateneu*, meus senhores!’ Era uma carta do Cândido, assinada Cândida. ‘Esta mulher, esta cortesã fala-nos da segurança do lugar, do sossego do bosque, da solidão a dois... um poema de pouca-vergonha! É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nesta miséria... [...] será reputado cúmplice e como tal: punido! [...] Aristarco ufanava-se de perspicácia de inquisidor. (POMPÉIA, 2008, p.137-138).

Nesta carta, podemos vislumbrar tanto um relacionamento homossexual entre dois

alunos, quanto uma demonstração de homoafetividade mal interpretada pelo leitor da carta, que dentro dos conceitos vistos anteriormente, vão totalmente contra o conceito moral da época. Simultaneamente juiz e algoz, Aristarco será o responsável pela punição dos desejos interditos nesse microcosmo social que é o Ateneu, exercendo o diretor o papel de “inquisidor”. A repressão seria a medida impeditiva da construção da identidade homossexual, uma violência simbólica a favor de um padrão heteronormativo. Conforme Silviano Santiago, em seu artigo “O homossexual astucioso”:

Nas décadas de 1960-1970, um verbo adquiriu enorme importância no universo gay brasileiro: *assumir* [...] Se assumisse publicamente como marginal à ‘norma’. Coube ao homossexual carregar na vida pública um fardo que o heterossexual não carregava nem carrega. (SANTIAGO, 2008, p.196).

Podemos dizer que, da época acima mencionada até os dias atuais, pouca coisa mudou, ou seja, é imposto ao homossexual enquadrar-se em determinados padrões “aceitáveis” pela coletividade, como uma espécie de permissão relacionada à orientação sexual. Essa imposição, entretanto, ocorre de maneira mais intensa em camadas sociais mais elevadas. Nas classes menos privilegiadas esse fenômeno é mais suavizado, devido à linha divisória do público x privado ser muito tênue, conforme sustenta Santiago no estudo da personagem homossexual Albino, do romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913). Diferente de Albino, residente de uma habitação coletiva situada nos subúrbios do Rio de Janeiro e, portanto, pertencente a estratos menos favorecidos socialmente, o narrador de *O ateneu*, que pertence à classe burguesa, sofre uma maior castração na sua construção identitária. Ao tratar dos *Contos novos*, de Mário de Andrade, Ivone Daré Rabello entende essa castração como uma consequência da lei da cultura.

[...] indica uma questão psíquica à volta da qual os narradores parecem circular: o enfrentamento da lei da cultura, que criou o mal-estar da civilização, imbricado ao enfrentamento da personificação dessa lei na figura do pai, que proíbe o objeto amoroso sem contrapartida [...] escolhe como matéria temática o relato de suas experiências de iniciação amorosa e sexual, nos momentos em que a lei da cultura inscreve suas marcas no corpo do sujeito e ele, depois de adulto, julga poder localizá-las. (RABELLO, 1999, p.100, 179)

Em *O Ateneu*, encontramos a visão do colégio como uma representação da sociedade burguesa, emergente, que se reporta a essa visão do que é público e privado dentro do contexto do comportamento social das várias classes da época. Segundo Silviano Santiago,

as classes mais populares irão apresentar: “[...] maneiras mais espontâneas de convivência social [...]” (SANTIAGO, 2008, p.197).

Seguindo o raciocínio de Silviano Santiago, Sérgio, ao frequentar o internato, estaria em um ambiente em que não existe privacidade. Essa vida em comum seria assemelhada à vida em um cortiço, onde as classes sociais menos abastadas partilhavam suas vidas em comum devido à falta de espaço. Tal semelhança traria Sérgio a uma realidade diferente da sua vida burguesa no seio familiar, despertando no menino características que são encontradas em classes menos favorecidas cujos sentimentos vividos por Sérgio não seriam reprimidos. Como comentado anteriormente, Santiago, em seu artigo, destaca a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo: “No cortiço, escancaram-se as portas, abrem-se as vidas e todos participam de um ritual diário onde tudo é público e é privado ao mesmo tempo.” (SANTIAGO, 2008, p.199).

Em outras palavras, a repressão feita a sentimentos homossexuais ou de homofetividade não teria ocorrido se o Ateneu não representasse os conceitos burgueses da sociedade vigente, que Raul Pompéia descreve como estando em decadência. Na visão de Fernandes, o Ateneu representa essa sociedade, que tem seu fim representado pelo incêndio, cuja simbologia está ligada à contestação e à rejeição dessa realidade: “O mundo pequeno-burguês de Sérgio e o universo fechado do Ateneu também são representações de uma sociedade de fim de século, hierarquizada e, eis a palavra que faltava: decadente.” (FERNANDES, 2007, p.84).

Acreditamos que a intenção de Raul Pompéia é decretar o fim dessa sociedade moralizante, propondo uma sociedade livre de críticas, e incapaz de criar personalidades como a de Sérgio, confusa na adolescência e incompleta na vida adulta: “Existe, em *O Ateneu*, uma tendência à crítica de costumes no sentido moralizante. Pompéia quer colocar no lugar das ruínas um novo comportamento. A imagem final do fogo parece dar sentido a uma impossibilidade de reconstrução.” (FERNANDES, 2007, p.75).

Segundo essa sociedade moralizante, se Sérgio seguisse seus instintos naturais como único caminho possível dentro do ambiente/meio favorável no qual se encontrava, teríamos uma narrativa *strictu sensu* realista/naturalista. A inserção, entretanto, de outros elementos que demonstram os conflitos de caráter psicológico da personagem remete a outra possibilidade: a de que a formação do indivíduo não é determinada somente pelas ações instintivas, mas também pela formação psicológica, além das relações sociais e culturais. Temos, então, uma narrativa de descrições de aspectos naturalistas a qual se somam questionamentos existenciais de forte carga psicológica. Segundo Figueiredo, cultura é:

[...] o expediente que a natureza (humana) inventa para defender-se de suas deficiências e de seus excessos. Na “cultura”, Freud, como se sabe, inclui os instrumentos e as técnicas para o domínio das forças naturais, os regulamentos – interdições e prescrições – ordenadores das relações entre os homens, os modelos e os ideais capazes de organizar e estabilizar a vida coletiva e ainda as ilusões necessárias à conservação da própria cultura. (FIGUEIREDO, 1998 apud SILVA, 2000 p.120).

Figueiredo argumenta que a cultura se configuraria como uma espécie de proteção à própria natureza humana, que se não encontra um mecanismo regulador pode tornar-se um risco a si própria. É a afirmação de que para se viver em sociedade algumas regras devem ser cumpridas. Sem dúvida, as relações sociais são permeadas por uma série de códigos de conduta que vão se formando e se legitimando ao longo do tempo. É claro que essas normas não são imutáveis. Um exemplo disso é a própria construção do conceito de masculinidade durante os períodos históricos diversos. No século XVIII um homem podia demonstrar sentimentos considerados fracos, como chorar, que passam a ser atitudes reprovadas no século XIX.

De acordo com a perspectiva do narrador de *O Ateneu*, parece-nos que Sérgio faz uma série de julgamentos a partir das sensações às quais é exposto. Essas sensações são julgadas, em grande parte, pelo viés moralista herdado de uma típica família burguesa. Se na relação com os colegas mais próximos, ele se depara com possíveis situações tidas como homossexuais ou homoafetivas, com relação à figura feminina de D.Ema também vivencia sentimentos até então desconhecidos. Alguns desses sentimentos fazem-no vê-la como uma mãe zelosa, outros, como uma mulher - objeto de desejo: “Achava-me pequenino, pequenino. Sentava-se à cadeira. Tomava-me ao colo, acalentava-me, agitava-me contra o seio como um recém-nascido, inundando-me de irradiações quentes de maternidade, de amor.” (POMPÉIA, 2008, p.188). E depois de um jantar com Aristarco e Ema, Sérgio inebria-se com sua presença: “De volta ao Ateneu, senti-me grande [...] Sentia-me elevado, vinte anos de estatura, um milagre.[...] Mas uma coisa apenas: olhava agora para Egbert como para uma recordação e para o dia de ontem. Daí começou a esfriar o entusiasmo de nossa fraternidade”.(POMPÉIA,2008, p.153).

Ao que nos parece, Sérgio vive mesmo que tardiamente, processos relacionados ao que dentro da teoria da psicanálise, construída por Sigmund Freud, caracteriza-se como o complexo de Édipo, segundo o qual o indivíduo, na infância, faça a transição da esfera dos instintos e dos impulsos para o universo cultural. Na hipótese de a pessoa não conseguir

realizar esta mudança fundamental na vida mental humana, ela pode entrar em um processo de inquietação psíquica extrema. Para que a criança possa reprimir sua libido – energia direcionada para toda forma de prazer, não só o sexual –, ela passa por um mecanismo simbólico de castração. Com medo de ser castrada, ela oculta seus sentimentos e os canaliza para o ingresso no âmbito social e na direção de parceiros que não se configuram para ela em um tabu. Assim, ela opta pelos valores da civilização e deixa para trás qualquer vestígio incestuoso, agora restrito ao seu inconsciente.

No que se refere à construção da identidade, o indivíduo é influenciado, desde seu nascimento, por vários fatores que vão desde as heranças hereditárias até a convivência social e a pressão cultural que recai sobre ele:

A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, conjurando a heterossexualidade como modelo normativo único e constituído das subjetividades da maioria dos homens. (SILVA, 2000 p. 122).

Temos então, em *O Ateneu*, uma narrativa de descrições de aspectos naturalistas, principalmente no que se refere ao próprio colégio, como uma réplica da sociedade, e partir daí, Raul Pompéia faz toda uma crítica de cunho moral, denunciando a decadência dos padrões mentais advindos do regime monárquico. A essa crítica, somam-se questionamentos existenciais de forte carga psicológica, vivenciados pela personagem em um período significativo de construção de identidade, na passagem da infância à adolescência.

Segundo o presente estudo, no que tange às características psicológicas da personagem, podemos conjecturar que a homoafetividade e a homossexualidade de Sérgio apresentam-se de uma forma latente, dentro de um período de formação identitária da personagem, sofrendo influências de um meio opressor. Por meio do viés memorialístico, o narrador-protagonista pode interpretar ou não essas vivências, disfarçando-as ou escancarando-as, deixando em nós a incerteza da sua personalidade, que parece difusa e esfumada na paisagem rememorada de *O ateneu*.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da literatura na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Dom Casmuro no Divã: Um estudo da psicologia simbólica junguiana. In _____ *Seminário com o elenco da minissérie Capitu*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=3188>. Acesso em 22 out 2013.

FERNANDES, Ronaldo Costa. *A ideologia do personagem brasileiro*. Brasília: Oficina Editorial, Instituto de Letras, UnB (Brasília), 2007.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e Homoerotismo Masculino: Entre a cultura do corpo e o corpo da cultura, In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Orgs). *Corpo e imagem*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p.127-155.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2000.

RABELLO, Ivone Daré. *A caminho do encontro: Uma leitura de Contos Novos*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

SANTIAGO, Silvano. O homossexual astucioso: Primeiras - E necessariamente apressadas - anotações. In _____ *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 192-203.

SILVA, Sérgio Gomes da Silva. A crise da Masculinidade: Uma crítica à identidade de Gênero e à literatura masculinista. In *III Congresso Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, 2000. p.118-131.

Recebido: 31/10/2013

Aprovado: 30/11/2013